

Non multa, sed multum

Brida

Non multa, sed multum

A dedicação plena para um fim.

Não muitas coisas, mas plenas.

Uma única. Intensa. Profunda. Necessária. Essencial. Essência.

Perfeição.

O que remete a poder, domínio do mundo, dos entes, **multa**.

Corpo do espírito e espírito do corpo **multum**.

Assentado no que é seu.

Vida como graça e plenitude daquilo que lhe é próprio.

Intensidade das pequenas coisas.

Penso na Idade Média.

Sentir na profundidade dos medievais a força propulsora desse bem fazer.

Para a compreensão coetânea, altamente sofisticada (**techné**, v. Heidegger), eles pouco fizeram, pouco construíram.

Num entendimento claro, foram perfeitos nos mais insignificantes detalhes.

Um monge podia entregar sua vida estritamente à cópia, por exemplo.

Ali, sobre aquele cavalete, passava toda a vida fazendo pouquíssimas cópias, desenhando milhares de iluminuras num único texto.

O mais importante no trabalho, para ele, era a perfeição alcançada.

Para compreender esse mundo é necessário ser iniciado nele, sem dúvida.

A iniciação acontece no âmbito do coração?

Pergunto, porque em muitas filosofias gregas o coração era o símbolo-metáfora-sede do AMOR.

Não é o conhecimento que garante sequer o primeiro passo, visto que a iniciação se dá no

escondido, onde ninguém tem acesso.

No íntimo, no escuro, na dor, começa um burburinho que se intensifica e se faz carne.

Novo caminho, nova forma de ler o mundo.

De pintar o mundo. De esculpir o mundo. De dar voz ao mundo - pelo canto, pelo encanto, pelo instrumento. De compor o mundo. De dançar o mundo. De fotografar o mundo. De filmar o mundo. De escrever o mundo. E há mais, ciências. Várias ciências. Filosofia.

Várias filosofias.

Tudo isso converge e se toca na construção do mundo, nosso mundo.

A partir daí consegue-se forjar a intensidade.

Na reserva dos pequenos gestos.

Os grandes místicos, os grandes filósofos, os grandes cientistas, os grandes artistas – os poetas! – os grandes vivem essa história.

A grandeza se dá pela disposição à intensidade que se apresenta em tudo como inteireza do ser.

Fernando Pessoa sabia. Pôs na boca de Ricardo Reis o que ficaria depois banalizado pela repetição (*est la vie, l'histoire, le temps...*).

Stephen Mulligan, no Ulysses de Joyce sofreu como um desesperado ao constatar:

nebeneinander, nacheinander...

A conjunção espaço x tempo.

Nosso negócio? O espaço. ***nebeneinander*** - um junto do outro.

P'ssoa:, mais uma vez (difícil evitar) ***Para ser grande, sê inteiro: /nada teu exagera ou exclui. /Sê todo em cada coisa. /Põe quanto és no mínimo que fazes. /Assim em cada lago a lua toda brilha,/ porque alta vive".***

A iniciação precisa ser acionada a partir do dentro, entretanto em decorrência do contato com o mundo.

A quantidade de informação não é importante.

Para iniciar este caminho é necessário a superação de nossas seguranças.

O conhecimento, por sua vez, garante os próximos passos.

Conhecer quer dizer "nascer com", "nascer novamente", "re-nascer".

Para iniciar o processo é preciso re-nascer, assumir a vida numa nova ótica.

[Para Jesus Cristo, quem não nascer novamente não poderá ver o Reino de Deus. Este renascer tem a ver com o mundo.

O Nazareno: "O Reino já está no meio de vós"... "e somente quem tiver ouvidos para ouvir, ouvirá"].

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/non-multa-sed-multum>